

# CONVERSANDO COM PIKE

Kennyo Ismail, 33°

Figura: Albert Pike fumando cachimbo.



Fonte: Butler Center for Arkansas Studies, Central Arkansas Library System.<sup>1</sup>

Após a pandemia, esta é a minha primeira vez de volta a Washington, DC. Adoro a cidade no inverno e, quase que como uma tradição, sempre que vou a Washington, não posso deixar de ir na *House of the Temple*, o lar do Supremo Conselho (Mãe do Mundo), da Jurisdição Sul dos EUA. Visitar seus espaços e pesquisar em sua biblioteca, a primeira biblioteca pública da cidade, é algo que nunca enjoa.

Então, aqui estou, debruçado sobre um antigo exemplar das “*Grand Constitutions of Freemasonry*”, que, além das constituições históricas do Rito Escocês, contém uma análise de

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://encyclopediaofarkansas.net/media/albert-pike-6958/> Acesso em: 15/06/22.

Pike sobre as mesmas, bem como sua tradução de um antigo ritual do grau 33. É nessas situações que me desligo do resto do mundo, dos problemas, e sinto como se o relógio parasse. Isso, se não fosse meu joelho direito.

Devido a um acidente automobilístico há mais de uma década, dentre outras sequelas, meu joelho direito, apesar de funcionar normalmente, lembra-me do acidente em duas ocasiões: sempre que tento ajoelhar-me sobre ele, o que não gera uma dor, mas um incômodo quase que insuportável; e sempre que fico algum tempo sentado em época de frio, quando, do nada, é como se uma agulha tivesse sido enfiada nele. Quando este último acontece, não há outra saída senão andar um pouco. E foi o que fiz, afinal de contas, estava em um dos meus lugares maçônicos preferidos em todo o mundo.

Talvez porque estava lendo os comentários de Pike na obra, decidi visitar a sala dedicada a ele, onde se tem muitos de seus objetos pessoais. A história de vida de Pike é fascinante: um menino prodígio de Boston, fluente em vários idiomas, que foi aceito em Harvard, mas não pôde lá estudar por falta de recursos. Sem encontrar oportunidades, aventurou-se a buscá-las ao sul, chegando em Arkansas. Há que se mencionar que mais da metade do percurso, de quase 2.500 Km, foi percorrido a pé. E daí, resumindo apenas em ofícios, tornou-se professor, jornalista, escritor, poeta, empresário, editor, advogado, militar e maçom. Então, por conta da Maçonaria, também se tornou pesquisador, historiador, ritualista e filósofo.

Figura polêmica e controversa, era do Norte, mas optou pelo Sul; não queria a guerra, mas tornou-se general; há indícios de que era racista, apesar de registros claros de que defendia os direitos dos indígenas e das mulheres. Também considerado como um protestante convicto e anticatólico, possuía amigos próximos que professavam o catolicismo e era simpatizante do Hinduísmo, a ponto de aprender sânscrito. E, taxado como conservador, se revelou Democrata.

Assim, ir à sala dedicada a Pike e ver suas velhas botas, seus cachimbos, levam você a pensar sobre a vida extraordinária de um homem autodidata, que viveu entre tribos indígenas que escalpelavam seus adversários, aprendendo suas línguas, costumes e tradições; que defendeu esses índios em processos contra a União e confrontou seus superiores militares pelos mesmos; que conhecia pessoas como Abraham Lincoln e seu sucessor, Andrew Johnson; e que dedicou 32 anos de sua vida quase que exclusivamente ao Rito Escocês Antigo e Aceito. E é por isso que estava dirigindo-me para lá, esticando minhas pernas, mas, ao chegar, a porta estava fechada.

Os anos de experiência me ensinaram que, em locais como uma universidade ou um museu, uma porta somente está fechada se tiver uma placa proibindo ou restringindo a entrada, ou se estiver trancada com chave. Então não custa girar a maçaneta e, estando aberta, entrar. E se alguém chegar dizendo que você não deveria estar ali, apenas informe que não havia placa de acesso restrito na porta. Ninguém nunca foi preso por isso!

Seguindo essa regra pessoal, girei a maçaneta e... por sorte, não estava trancada! Então entrei e, ao vislumbrar o ambiente pouco iluminado, tomei um leve susto. Num primeiro momento, pensei que havia entrado na sala errada, pois tudo estava bem diferente do que conhecia. Mas então, vi alguns objetos bem característicos da sala de Pike e concluí que a sala provavelmente havia passado por uma reformulação durante a pandemia. Agora, mais parecia um escritório original da época de Pike, levando minha mente a recordar do conceito de preservação do escritório de Frank Sherman Land, na sede do DeMolay International. Contudo, o mais incrível é que, bem à minha frente estava, sentado em uma grande cadeira de madeira entalhada, com aspecto de antiga, um sócio de Albert Pike!

Que maçom que não conhece a efígie de Pike? Aquele homem bem ali na minha frente era idêntico! Longos cabelos e barba brancos, com roupa de época e segurando um longo cachimbo. Deveria ter mais de 1,80m de altura e pesar, facilmente, mais de 100Kg. A *House of the Temple* havia se superado.

A similaridade era tanta, que dei alguns passos para próximo daquele velho, pensando que talvez poderia ser um humanoide, como um Papai Noel de shopping. Ele fitou-me, deu uma bela tragada em seu cachimbo e falou, enquanto fumaça saía junto das palavras:

- Eu posso saber quem é o senhor para entrar em minha sala sem bater à porta?

Nessa hora, senti o cheiro da fumaça. Aquilo não era fumaça de um cachimbo eletrônico. Aquele velho estava fumando um cachimbo de verdade, em uma sala fechada de um museu, em um prédio histórico considerado uma obra-prima da arquitetura, em plena capital dos Estados Unidos, rodeado por livros, todos de mais de 150 anos, da biblioteca pessoal de Albert Pike. Aquele senhor tinha que ser advertido e, se alguém autorizou aquela leviandade, também.

- O senhor não deveria estar fumando aqui, neste ambiente fechado.

- Além de não bater à porta e entrar sem ser convidado, ousa falar com alguém mais velho nesse tom e dizer o que posso ou não fazer em minha própria sala? Quem é o senhor? – o velho questiona com um semblante carregado, fitando-me dos pés à cabeça.

- Não é hora para interpretar seu personagem. Apague esse cachimbo, por favor. Vou procurar um responsável.

- Jovem, eu sou o responsável aqui. Meu nome é Albert Pike e sou o Grande Comendador do Supremo Conselho.

- E eu sou o *Mickey Mouse*! – Respondi, impaciente com aquela situação. - Por favor, faça o que eu pedi. Apague esse cachimbo e pare já com essa interpretação cafona! Estamos apenas nós dois e aqui não é a *Disneyland*!

- *Mouse? Disneyland?* Do que você está falando, senhor? Seu sotaque é estranho... Você não é daqui, nem do Canadá ou da Grã-Bretanha... De onde vindes? Que roupas estranhas são essas?

Comecei a ficar nervoso com aquela situação. O velho parecia insistir em interpretar seu personagem de Albert Pike, mas eu estava mais preocupado com o sensor de fumaça e a preservação dos inestimáveis objetos históricos do recinto:

- Senhor, por favor, entendo que é um homem de idade, mas estamos em 2022 e há décadas que não se pode fumar em ambientes fechados.

- 2022? O senhor quer me dizer que o senhor vem do futuro?

- Em que ano o senhor pensa que está?

- Ora! Estamos em 1872!

- E o senhor é o verdadeiro Albert Pike.

- *In the flesh!*<sup>2</sup> Então o senhor sabe quem sou?

---

<sup>2</sup> Expressão correspondente a “em carne e osso”.

- Sei quem é Albert Pike, nascido em 1809, em Boston, e que serviu como Soberano Grande Comendador deste Supremo Conselho até sua morte, em 1891, aqui em Washington. Autor de diversos livros maçônicos como Moral e Dogma e inclusive outro, que eu estava lendo agora mesmo, na biblioteca. Se o senhor é mesmo Albert Pike, então eu viajei no tempo, ou o senhor viajou no tempo, ou estou sonhando, ou ...

- Ou o quê?

- Ou o senhor é um espírito desencarnado e estou tendo uma experiência mediúnica.

- O senhor é indiano? Hinduísta?

- Não. Sou brasileiro. Maçom, 33º grau, membro honorário do Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito da Maçonaria para a República Federativa do Brasil.

- República Federativa do Brasil? Mas o Brasil é uma monarquia...

- Era, até 1889.

- Se sois maçom, cumprimente-me como tal.

O velho estendeu sua mão direita para mim e, após uma troca de toques e devido exame, ele me disse:

- De fato, você é um maçom. E pelas suas roupas, imagino que esteja falando a verdade sobre sua época. Não sei como isso é possível e qual das opções por você elencadas é a verdadeira, mas ao longo dos meus mais de sessenta anos, aprendi a não duvidar de mais nada. O que você sugere?

- Se o senhor é mesmo Pike, tenho muitas perguntas a fazer.

- Eu também. Mas se você é mesmo um maçom do 33º grau em pleno ano de 2022, presumo que ainda exista intolerância, ignorância, fanatismo e despotismo, que justifique a existência da Maçonaria. Estou certo?

- Sim. Tanto quanto em 1872.

- Lamento em saber. Meu jovem, você disse que tinha perguntas... Nesses 150 anos que se passaram, devem ter surgido inúmeros estudiosos da Maçonaria, que evoluíram seus entendimentos sobre nossos mistérios. Então, o que há para se perguntar que eu, que nem posso imaginar as descobertas e evolução tecnológica que vocês alcançaram, possa responder?

- Infelizmente, não foi isso que aconteceu. Apesar de haverem publicado uma infinidade de obras a respeito da Maçonaria em todos esses anos, talvez nenhum tenha alcançado sua erudição. A educação em meu tempo está ao alcance de quase todos, mas para que isso fosse possível, ela foi nivelada por baixo. No futuro, se aprende apenas aquilo que seja útil ao seu sustento. A própria filosofia sofre preconceito entre os homens comuns, mesmo os maçons. Há raras exceções, sendo uma delas aqui mesmo na *House of the Temple*, onde um irmão tem dedicado anos à preservação de suas obras e ao estudo do Rito Escocês. Mas, de forma geral, os maçons do século XXI sabem menos de Maçonaria do que os do século XIX.

- Devo confessar que estou surpreso. Sempre pensei que as batalhas que travamos no presente garantiriam um futuro melhor para nossos descendentes e sucessores.

- Mas os esforços de sua geração não foram em vão. Acredito que, se não fosse pelo esforço de vocês, a situação poderia estar pior. É claro que avanços foram feitos, mas os indígenas e as mulheres ainda precisam lutar por seus direitos, bem como os negros. E essa é uma das minhas perguntas para o senhor.

- Então formule a pergunta.

- Sei de sua simpatia e luta em defesa dos direitos dos indígenas. Mas após a sua morte, houve muitos ataques antimaçônicos que usaram seu nome para prejudicar a Maçonaria. E utilizaram, principalmente, seu histórico no Arkansas e no Tennessee para taxá-lo como racista e anticatólico. O que há de verdade nisso?

Pike respirou fundo, acendeu novamente seu cachimbo, tragou-o e, após expirar uma longa fumaça, disse:

- Você já leu meu livro recém-lançado, *Moral e Dogma*?

- Sim. Foi uma de minhas principais fontes para uma obra que escrevi sobre o Rito Escocês: *Ordem sobre o Caos*.

- Ah, então estou conversando com um irmão escritor!

- Eu tento dar minha contribuição. – respondi, um pouco constrangido.

- Pois bem. Quando escrevi que a verdade chega até nós tingida com nossos preconceitos, como um objeto visto através da água, distorcido, e que não há mérito no homem cuja fé está encharcada pelo leite materno,<sup>3</sup> não me isentei dessas premissas. Nasci em um lar cristão e recebi uma formação religiosa episcopal, contrária ao catolicismo romano. Além disso, herdei preconceitos, que me levaram a cometer erros, como todo ser humano. Mas as experiências acumuladas durante minha vida, aliadas ao profundo estudo dos graus do Rito Escocês, me permitiram visitar meu interior, retificando-me. E essa é uma das razões da minha crença na Maçonaria como um caminho em direção à Luz.<sup>4</sup> Sobre a questão racial, antes mesmo de ser iniciado na Maçonaria, nas Convenções Sulistas, eu era contrário à retomada do comércio de escravos. E após minha iniciação, na Convenção de 1856, deixei claro meu desejo de que um dia todos os homens fossem livres, mesmo sabendo que minhas palavras poderiam colocar em risco minha própria vida!<sup>5</sup> O maior mal a ser evitado é o da legalização do que é errado e injusto sob o falso pretexto da necessidade.<sup>6</sup> Não é por acaso, meu jovem irmão, que ultimamente tenho defendido a criação de uma Maçonaria de Adoção para mulheres,<sup>7</sup> além de ter amigos que são católicos, como Johnny Coyle,<sup>8</sup> bem como amigos negros, como Thornton Andrew Jackson.<sup>9</sup> Confesso que ainda tenho muito a melhorar enquanto ser humano. Por sorte, pelo que o senhor disse, ainda tenho quase vinte anos de vida para isso... E já que estamos falando sobre isso, a Maçonaria do seu tempo evoluiu nesse sentido?

---

<sup>3</sup> Baseado em trecho de *Morals and Dogma*, Capítulo X, p. 166.

<sup>4</sup> Baseado em trecho de *Morals and Dogma*, Capítulo II, p. 32.

<sup>5</sup> TRESNER, J. T. St. John's Day among the Creek: A Rediscovered Speech of Albert Pike. In: HEREDOM, Vol. 8, 1999-2000.

<sup>6</sup> Baseado em trecho de *Morals and Dogma*, Capítulo XXXI, p. 831.

<sup>7</sup> KINNEY, J. M. Shedding Light on a Possible Inspiration for Taxil's Hoax Letter: Pike's The Masonry of Adoption. In: HEREDOM, Vol. 11, 2003, p. 149-157.

<sup>8</sup> TRESNER, J. T. A visit with General Albert Pike. In: HEREDOM, Vol. 10, 2002, p. 56.

<sup>9</sup> DE HOYOS, A. There are several answers to the question, "What is the origin of Prince Hall Scottish Rite rituals?". In: HEREDOM, Vol. 5, 1996, p. 51-67.

- O senhor já deve ter ouvido falar da Ordem criada por Robert Morris e apoiada por Robert Macoy, a Estrela do Oriente.

- Sim. É uma proposta motivada pela mesma visão que a minha, mas distinta em muitos aspectos.

- O senhor ainda verá essa Ordem ser aceita e adotada pela Maçonaria como uma Ordem Maçônica Anexa nos próximos anos, inclusive pela Prince Hall, com o apoio de seu amigo Thornton Jackson. Ela se espalhará para outros países, como o Brasil. Já a Maçonaria Feminina florescerá na Europa e, já no meu século, começará a conquistar o respeito de algumas Grandes Lojas, como a da Inglaterra, iniciando inclusive projetos em conjunto, mas mantendo-as separadas.

- Como deve ser... E o racismo? Ainda existirá no meio maçônico?

- Como o senhor bem disse, muitos homens herdaram preconceitos em seus lares e não são todos os que conseguem realizar a reforma íntima, como o senhor. Mas institucionalmente, não há, sendo uma infração maçônica o veto de candidatos por motivos de raça, credo, nacionalidade ou qualquer outro tipo de preconceito.

- Você mencionou credo... No futuro, vocês iniciam ateus?

- Não. Pelo menos na Maçonaria Regular, que segue as antigas obrigações.

- O Cerneauísmo já acabou. Surgiu outra Maçonaria Irregular?

- Outras. O senhor ainda presenciará, nos próximos anos, a Maçonaria dividir-se ao meio, pelas diferentes opiniões acerca de Deus.

- Mas a Maçonaria é sucessora dos Antigos Mistérios, que ensinavam sobre a existência de um Ser Supremo, que criou e está presente em todo o Universo.<sup>10</sup> Sem Ele, não há Maçonaria, pois a moral que esta ensina não é mera convenção social!

- Concordo, mas nem todos pensam como nós. Há aqueles que acreditam que vetar o ingresso de ateus é ferir a liberdade absoluta de consciência. Daí o surgimento da chamada Maçonaria Agnóstica.

- Que ironia! Esses cometem os mesmos erros dos sacerdotes religiosos que eles combatem, que permitiram que os Antigos Mistérios fossem alterados conforme as circunstâncias políticas e os hábitos regionais.<sup>11</sup> Quando há crença cega na Razão ou na Fé, os Sacerdotes, tanto da Fé, quanto da ausência dela, se tornam tiranos.<sup>12</sup> Profetas sem filosofia e filósofos sem religiosidade são duas faces de um tostão furado.<sup>13</sup> Talvez tenhamos que abordar esse assunto no primeiro Congresso de Supremos Conselhos, que em breve faremos, espero.

Nesse momento, percebi que Pike se referia àquele que seria conhecido como Congresso de Lausanne, ocorrido em 1875, e lembrei-me que ele acabou não participando desse importante evento que ele mesmo havia idealizado e onde, de fato, uma calorosa discussão

---

<sup>10</sup> Baseado em trecho de *Morals and Dogma*, Capítulo XXVIII, p. 624.

<sup>11</sup> Baseado em trecho de *Morals and Dogma*, Capítulo XXVIII, p. 624.

<sup>12</sup> Baseado em trecho de *Morals and Dogma*, Capítulo XVIII, p. 307.

<sup>13</sup> Baseado em trecho de *Morals and Dogma*, Capítulo XXXII, p. 844.

sobre Deísmo e Teísmo levaria a grandes desdobramentos.<sup>14</sup> Receoso se deveria ou não revelar isso, optei por mudar de assunto:

- Por falar em Deus, Universo e Religião, vem à minha mente o dogma da Imortalidade da Alma, o qual pode ser interpretado de diferentes formas. Qual é a sua compreensão sobre isso?

Nesse momento, Pike volta a acender seu cachimbo e a tragá-lo, pensativo. Ele se mantém em silêncio por alguns segundos, antes de quebrá-lo:

- Se estou conversando com um irmão do futuro, não vejo razão para ser reservado sobre o assunto. Acredito que todo ser vivo é portador de uma alma imortal.<sup>15</sup> A fé parte da razão, pois o homem desinteressado no mistério da vida após a morte, em nada crê. Ao olharmos para o céu em uma noite estrelada, podemos ver apenas uma gota do oceano infinito que é o Universo, com um incontável número de planetas e estrelas. Seria tolo de minha parte acreditar que somos, em toda a infinidade de planetas, os únicos seres detentores de inteligência e espírito.<sup>16</sup>

- Então você acredita em E.T.s?

- E.T.s? Meu irmão, desculpe-me, mas não sei o que é isso.

- Tudo bem. Deixe-me perguntar outra coisa. Em Moral e Dogma, você menciona a Lei da Retribuição. O que pode me falar sobre ela?

- É a lei natural, que rege o Universo, assim como o Magnetismo, independente do homem acreditar nela ou não. Newton a chamava de Lei da Ação e Reação. Conforme essa lei, o futuro é afetado pelo que você faz e pensa no presente. Assim, não há erro cometido pelo qual você não seja responsabilizado e não tenha que arcar com as consequências em igual intensidade. Como registrou Paulo, o que semeia, colherá. Assim, tomemos cuidado com o que semeamos.<sup>17</sup>

- Essa lei justificaria a Caridade como um dos princípios maçônicos?

- Também, mas não apenas isso. A Caridade é a maior das Virtudes Teológicas e aqui retomamos à relação de dependência da Maçonaria ao Teísmo: a crença na paternidade de Deus nos coloca em posição fraterna entre os homens.<sup>18</sup> Sem essa crença, a fraternidade e, conseqüentemente, o amor fraternal, passa a ser apenas uma convenção, assim como os princípios morais são para os ateus. A Caridade é o amor a Deus, que nos faz amar a todos como irmãos.<sup>19</sup> E sem esse amor, não há a mínima possibilidade de haver Justiça, pois o desejo de justiça nasce da empatia, de não ser indiferente ao sofrimento alheio.<sup>20</sup> Não por acaso, filósofos como Rousseau defenderam a ideia de religião civil, promovendo a crença em um Ser Supremo sem a necessidade de sacerdotes ou outros intermediários entre o homem e Ele. E a Maçonaria abraçou esses ideais de emancipação do homem, inclusive em assuntos de fé, por meio da razão.

- Então, para você, a Caridade é o principal ensinamento maçônico?

---

<sup>14</sup> BERNHEIM, Alain. Le Convent des Suprêmes Conseils du Rite Écossais Ancien et Accepté. Parts I, II and III. Pietre-Stones Review of Freemasonry.

<sup>15</sup> Baseado em trecho de Morals and Dogma, Capítulo XVIII, p. 300.

<sup>16</sup> Baseado em trecho de Morals and Dogma, Capítulo XVIII, p. 302.

<sup>17</sup> Baseado em trecho de Morals and Dogma, Capítulo XIII, p. 216.

<sup>18</sup> Baseado em trecho de Moral e Dogma, Capítulo XIV, p. 227.

<sup>19</sup> Baseado em trecho de Moral e Dogma, Capítulo XXVI, p. 536.

<sup>20</sup> Baseado em trecho de Moral e Dogma, Capítulo XXXI, p. 832.

- Você diz ser um Grande Inspetor Geral da Ordem... não sabe a resposta para sua própria pergunta?

- Tenho um palpite, mas gostaria de ouvir sua resposta.

- Isolar um ensinamento do outro pode ser útil para fins didáticos, mas precisamos compreender que a educação moral é gradativa. Assim como é necessário primeiro aprender a engatinhar, para depois andar e então correr; o mesmo ocorre na construção moral de um maçom. Observe que, em nossa conversa, falamos em Deus, Imortalidade da Alma, Lei da Retribuição e em Caridade. Você percebe como esses pontos estão intimamente relacionados, partindo de Deus? Sobre a Caridade, fruto da paternidade de Deus, recai a Lei da Retribuição. E os pensamentos e ações, bons ou ruins, realizados nesta vida, mas que não forem retribuídos aqui, serão retribuídos após a morte. Por essa razão, o que fizemos por nós mesmos morre conosco; o que fizemos pelos outros e pelo mundo permanece e é imortal.<sup>21</sup> No entanto, uma das últimas etapas do Rito Escocês nos alerta que o julgamento de nossas vidas não alcança apenas as nossas ações, mas também as nossas reações para com os nossos semelhantes e suas próprias ações. Afinal de contas, somos pessoas com corpos e, portanto, com necessidades corporais e paixões animais e, por essa razão, não haverá entre nós apenas amor e nenhuma necessidade e opressão.<sup>22</sup> Como nós os julgamos? Quais pensamentos guardamos a respeito daqueles que nos foram, a nosso ver, injustos? Cientes de que, nesta vida ou na outra, uma injustiça, obrigatória, involuntária e proporcionalmente, será retribuída; então não perdoar seu autor, guardando ressentimento, mágoa e rancor contra ele, é exceder na proporção, causando um mal para si mesmo, que não escapará da Balança de Maat. Aquele que crê em Deus, acredita em sua Justiça. Assim, perdoar não é apenas um ato de Caridade, mas também de Fé em Deus e de Esperança na Imortalidade, de forma que todas as injustiças deste mundo não são impunes e todas as boas ações são recompensadas.

Fiquei por alguns segundos digerindo aquelas palavras. Apesar de ter aprendido aquelas lições, eu não havia refletido sobre as fortes relações que elas têm entre si. Pike voltou a manusear e tragar seu cachimbo, como se tivesse percebido que eu precisava de um breve momento com meus pensamentos. Depois de uma longa tragada, ele rompe o silêncio:

- Então, está satisfeito?

- Sim, senhor. – respondi, como um aluno disperso, que é chamado pelo professor, ao mesmo tempo em que lembrei-me que esse jargão dito por Pike pode ter sido um aviso de que era hora de encerrar aquele prazeroso diálogo. Olhei para o relógio do meu pulso e disse:

- Grande Comendador, vejo que já está tarde e receio que eu esteja importunando o senhor. Não tenho palavras para agradecer por sua paciência e o conhecimento que compartilhou comigo.

- Não há o que agradecer. Nós somos irmãos. Eu iria externar minhas condolências pelo recente falecimento do Grande Comendador Montezuma, já que o senhor é brasileiro, mas olhei para os seus sapatos e me lembrei de que o senhor é de uma época vindoura. Meu pai era sapateiro, mas nunca tinha visto algo parecido.

Olhei para os meus pés, calçados com tênis de couro branco e não pude segurar o sorriso.

---

<sup>21</sup> MORRIS, S. B. The Complete Idiot's Guide to Freemasonry, 2nd Ed. Indianapolis: Alpha Books, 2013.

<sup>22</sup> Baseado em trecho de Moral e Dogma, Capítulo XXXI, p. 835.



- São como andar sobre um colchão.

- Viajei milhares de milhas a pé, quando jovem. Teriam sido úteis naquela época. Mas a cor não os favorece.

- De fato. Mais uma vez, muito obrigado pelo seu tempo, Grande Comendador. – aproximei-me e estendi a mão, despedindo-me.

Pike levantou-se de sua cadeira e cumprimentou-me de pé, o que ele não havia feito ao examinar-me. Vi o quanto ele era alto, se comparado comigo, com meus 1,71m. Apertando-me a mão, ele disse:

- Espero que encontre o caminho de volta para seu tempo, meu jovem irmão. E descobrindo como, volte em breve. Será um prazer recebê-lo novamente.

Nesse momento, fui tomado por um misto de alegria e tristeza, similar àquele de uma criança que está em um parque de diversões, mas chegou a hora de ir embora. Viro-me e vou em direção à porta. Quando pego a maçaneta, Pike disse:

- Meu irmão, você não me disse seu nome.

- Kenno Ismail.

- Kenno, você disse que escreveu um livro sobre o Rito Escocês. Não sou fluente em português, mas gostaria de tentar lê-lo. Caso consiga voltar, poderia me trazer um exemplar?

- Claro! Existe inclusive a versão dele em inglês.<sup>23</sup> Provavelmente há um exemplar aqui na biblioteca do Supremo Conselho. Terei que voltar lá para pegar as minhas coisas e, se tiver, posso trazê-lo ao senhor agora mesmo.

- Seria ótimo. Muito obrigado.

- Eu que agradeço.

Abro a porta e a forte claridade do lado de fora ofusca minha visão. Fecho os olhos e quando os reabro... estou no meu escritório, em Brasília, com o rosto amassado de dormir sobre um exemplar de 2002 das *Grand Constitutions of Freemasonry*,<sup>24</sup> que estava consultando para um artigo. Enquanto me espreguiço na cadeira, penso na loucura do sonho que acabei de ter. Respiro fundo e... sinto um leve cheiro de cachimbo no ar.

## CRÉDITOS

Esse artigo foi inspirado no trabalho de outros autores. A ideia inicial pode ser encontrada no preâmbulo de “Ahiman Rezon”, de Laurence Dermott, obra essa que tive o prazer de traduzir para o português, em 2016. Nela, Dermott conta a estória de seu sonho, no qual dialogou com Ahiman Rezon, que daria o nome à sua obra. Outro trabalho que segue o mesmo caminho e me serviu de grande inspiração e referência foi o de James T. Tresner II, “*A Visit with General Albert Pike*”, publicado na Heredom (Vol. 10, 2002).

---

<sup>23</sup> ISMAIL, K. ORDER OUT OF CHAOS: Decoding the Scottish Rite. Seattle: KDP, 2022.

<sup>24</sup> PIKE, A. *Grand Constitutions of Freemasonry*. Washington, DC: Scottish Rite Research Society, 2002.

Eu já havia me aventurado a escrever esse tipo de diálogo em 2012, quando publiquei “Um happy-hour entre o Rito Escocês e o Rito de York”. Passados dez anos, arrisco-me novamente, neste “Conversando com Pike”. Contudo, há que se registrar que Pike é uma figura real, o que aumenta o desafio e responsabilidade em ser fiel à sua história e opiniões. A proposta deste trabalho difere daquele de Tresner no sentido de que o seu aborda, principalmente, uma defesa das várias acusações que inimigos da Maçonaria fizeram contra Pike ao longo das décadas; enquanto este foca mais em suas opiniões sobre alguns dos principais ensinamentos do Rito Escocês, expostas em sua mais célebre obra, “*Morals and Dogma*”.

#### REFERÊNCIAS:

- BERNHEIM, Alain. *Le Convent des Suprêmes Conseils du Rite Écossais Ancien et Accepté*. Parts I, II and III. Pietre-Stones Review of Freemasonry.
- DE HOYOS, Arturo. *Scottish Rite Ritual Monitor & Guide*. 3a. edição - revisada. Washington, D.C.: Supreme Council, 33°, S.J., 2010
- DE HOYOS, A. *There are several answers to the question, "What is the origin of Prince Hall Scottish Rite rituals?"*. In: *Heredom*, Vol. 5, 1996, p. 51-67.
- DERMOTT, L. *AHIMAN REZON: A Constituição dos Maçons Antigos*. Tradução: Kennyo Ismail. Londrina: A Trolha, 2016.
- ISMAIL, K. A Origem e o Desenvolvimento do Rito Escocês Antigo e Aceito. *Revista Astréa*, n.37, jul-dez, 2015, p.11-14.
- ISMAIL, K. *Ordem sobre o Caos*. Brasília: No Esquadro, 2020.
- ISMAIL, K. *ORDER OUT OF CHAOS: Decoding the Scottish Rite*. Seattle: KDP, 2022.
- KINNEY, J. M. Shedding Light on a Possible Inspiration for Taxil's Hoax Letter: Pike's The Masonry of Adoption. In: *Heredom*, Vol. 11, 2003, p. 149-157.
- MORRIS, Brent. *The Complete Idiot's Guide to Freemasonry*. 2<sup>nd</sup> Ed. New York: Alpha Books/Penguin, 2013.
- PIKE, A. *Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry*. Richmond, VA: L. H. Jenkins, Inc., 1946.
- PIKE, A. *Grand Constitutions of Freemasonry*. Washington, DC: Scottish Rite Research Society, 2002.
- TRESNER, J. T. A visit with General Albert Pike. In: *Heredom*, Vol. 10, 2002, p. 56.
- TRESNER, J. T. St. John's Day among the Creek: A Rediscovered Speech of Albert Pike. In: *Heredom*, Vol. 8, 1999-2000.